



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 23 - dezembro de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p223-228>

LUDWIG, Ken. *How to teach your children Shakespeare*. New York: Broadway Books, 2013. 350 p.

*Júlio Valle**

Publicado em 2013 pela Broadway Books e disponível em versão impressa e digital, o livro *How to teach your children Shakespeare*, de Ken Ludwig, apresenta questões de interesse para uma ampla gama de leitores, que abarca, em primeiro lugar, pais e professores em busca de alternativas para apresentar, em casa e na escola, textos literários a filhos e alunos, mas estende-se, igualmente, a pesquisadores das questões relativas ao ensino de literatura e a estudiosos e leitores da obra do bardo inglês. Também dramaturgo, o autor norte-americano alcança essa interlocução ampla, em parte, por conta de sua própria experiência: especialista em Shakespeare e pai de um casal de filhos a quem o livro é dedicado – e com quem pôde experimentar, diretamente, as práticas ali condensadas –, Ludwig possui, além disso, experiência didática, tendo apresentado o seu trabalho, como adverte numa “Nota sobre o Ensino” logo no início da obra, em diversas escolas e universidades.

Estruturalmente, o livro compõe-se de três partes, antecedidas por uma introdução escrita pelo ator John Lithgow e sucedidas por cinco apêndices, além de uma bibliografia comentada. Em cada uma das três partes, Ludwig aborda uma quantidade determinada de peças, dispostas em ordem gradativa de complexidade considerando-se, naturalmente, o público infanto-juvenil. Para essa gradação, Ludwig considera aspectos variados que incluem a complexidade da linguagem dos textos, o interesse potencial de

* Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Guarulhos – SP – Brasil – juliovalleunifesp@gmail.com

temas, personagens e situações dramáticas e, de modo mais específico, o grau de dificuldade dos excertos selecionados para memorização. Seguindo esse padrão, a primeira parte ocupa-se de três peças (*Sonhos de uma Noite de Verão*, *Noite de Reis* e *Romeu e Julieta*), seguidas por um interlúdio compreendendo um panorama sobre a vida e a obra de Shakespeare. Na segunda parte, de estrutura semelhante, abordam-se quatro peças (*Macbeth*, *Henrique IV (Parte I)*, *Do Jeito que você gosta [As You Like It]* e *Henrique V*) antes do interlúdio, agora dedicado a homenagear John Heminges e Henry Condell, responsáveis pela primeira edição completa das peças de Shakespeare, em 1623. Finalmente, a terceira e última parte, também a mais breve de todas, dedica-se quase exclusivamente a *Hamlet*, dispensando algumas páginas de encerramento para *A Tempestade*. Os apêndices apresentam tópicos de interesse, como a disposição das peças em ordem cronológica e uma lista de alguns epigramas shakespearianos; a bibliografia comentada, por sua vez, é subdividida em livros para crianças, de um lado, e para pais, professores e estudiosos “avançados”, de outro, à qual se junta uma relação, igualmente comentada, de filmes e gravações em áudio inspirados na obra do grande dramaturgo inglês, compondo-se assim um quadro de utilidade para os diversos perfis de leitores.

É possível admitir que a linha de continuidade do livro, ao longo de suas 350 páginas, consiste basicamente em dois aspectos. O primeiro, como sugere a estrutura descrita há pouco, reside na alternância entre prática e comentário, isto é, entre a apresentação de técnicas de abordagem das peças escolhidas e a exploração de aspectos literários, textuais e históricos, dentre outros, que interessem para a melhor compreensão de Shakespeare. Como se verá adiante, esta alternância não se traduz numa separação entre teoria e prática, na medida em que, felizmente, os limites entre ambas muitas vezes se diluí. O segundo ponto responsável por conferir dada coerência à obra comunica-se, precisamente, a uma técnica-chave para Ludwig: a leitura em voz alta ou, mais precisamente, a memorização de trechos escolhidos.

O autor reconhece que a prática, anteriormente prestigiada a ponto de estudantes memorizarem “[...] centenas de versos dos clássicos gregos e romanos [...]” (p. 8), acabou por cair em relativo desuso em nossos dias. Contudo, justamente por acreditar que, com isso, “[...] algo de poderoso se perdeu [...]” (p. 8), Ludwig reabilita a técnica, central em sua experiência com os próprios filhos. No caso específico do bardo, o autor elenca três motivos para privilegiá-la: primeiro, porque “muitas das palavras de Shakespeare são estranhas para nós” (e, neste “nós”, inclui adultos e crianças); segundo, porque a estrutura de suas frases soa “estranha a nossos ouvidos” (o que não espanta,

dentre outros motivos, posto que “uma parcela significativa de suas peças está em versos”) e, terceiro, porque o escritor “frequentemente escreve” usando metáforas (oferecendo-nos, como exemplo, a imagem de Romeu nivelando os olhos de Julieta ao brilho das estrelas). Obrigando o leitor a desenvolver um alto grau de familiaridade com o texto, tornado progressivamente mais assimilável por conta do processo, do qual a repetição e a leitura em profundidade são partes constitutivas, a memorização acaba por assegurar a fluência, por assim dizer, nessa espécie de “língua estrangeira” (p. 10) em que parecem se expressar, aos ouvidos contemporâneos, os personagens shakespearianos – vindos à luz, afinal de contas, há mais de quatro séculos.

Uma técnica mnemônica frequente no livro consiste na adoção das chamadas *quotation pages*. Também amparadas na experiência do próprio autor, elas são, de fato, “páginas de citação”, isto é, apresentam os trechos a serem memorizados numa diagramação propícia. Isso significa, essencialmente, dispô-los em letras garrafais e distribuir o texto, espacialmente, de modo a facilitar a identificação de padrões (imagéticos, sonoros etc.), a partir dos quais a memorização fixa-se de maneira mais eficaz. Os trechos escolhidos são aqueles sobre os quais o autor se debruça ao longo dos capítulos, o que chama a atenção para outro requisito importante para a plena fixação dos excertos: a necessidade de compreendê-los verdadeiramente, evitando repeti-los de modo mecânico – prática que, de resto, tende a ser inútil, porque intelectualmente pobre e fadada ao rápido esquecimento. Assim, não se visa tomar os excertos escolhidos isoladamente dos respectivos comentários explicativos que reúnem referências úteis para a melhor compreensão dos segmentos.

Cite-se, como exemplo, o caso de *Sonhos de Uma Noite de Verão*. No trecho selecionado, Nick Bottom declara ter tido “uma rara visão”, produto do que acredita ser um sonho, do qual julga ter despertado. Sem alcançar a plena compreensão do que vivenciou, o personagem dá início a uma fala cômica, na qual, imaginando expressar-se em registro elevado, teoricamente à altura do universo de conto de fadas recém-abandonado, enceta uma verdadeira salada dos sentidos (“o olho do homem não ouviu, o ouvido do homem não viu” e assim por diante). Visando à memorização do trecho, Ludwig põe em operação, ao menos, três procedimentos: primeiro, dispõe o texto, na respectiva *quotation page*, em seções menores que parecem transformar as frases, originalmente em prosa, em versos (estratégia que reputa mnemonicamente eficaz); segundo, sugere a associação dos sentidos, ali embaralhados, a um gestual que, por seu potencial lúdico, representa atração imediata para as crianças; terceiro e, finalmente,

esclarece que a personagem, na verdade, está fazendo uma paródia involuntária da “Carta de São Paulo aos Coríntios”, especificamente em seus versículos 9 e 10, capítulo 2 (p. 42). Com isso, aquela combinação entre prática e comentário, mencionada anteriormente, fica melhor compreendida, no fundo, como integrante do próprio método e, no âmbito propriamente expositivo, como estratégia textual. Ainda sobre as *quotation pages*, vale a pena referir que o autor as disponibiliza para *download* num *site* específico, ao qual o leitor pode recorrer caso deseje, de fato, colocar em prática as técnicas propostas por Ludwig. Além disso, algumas delas estão disponíveis no próprio volume, num de seus anexos.

Em sua maioria, as práticas envolvendo diferentes aspectos da obra de Shakespeare não parecem gratuitas, o que encerra uma qualidade do trabalho. A propósito da personagem Falstaff na peça *Henrique IV*, por exemplo, Ludwig comenta a curiosa relação que ela trava com Hal, ora parecendo algo paternal, dada a relativa ascendência do mais velho sobre o mais novo, ora remetendo a algo fraternal, dada a provocação mútua e camarada que, embora comum entre os dois, costuma se dar, normalmente, entre iguais. O autor compila, então, uma lista de insultos que um dirige ao outro, repletos de ironia e invenção verbal, e convida o leitor a exercitar a verve maledicente em casa. De pronto, saltam da proposta duas vantagens. Primeiro, porque a evidente motivação lúdica da prática ampara-se, igualmente, numa evidente motivação literária, pois não se trata, adverte-nos Ludwig, de inventar impropérios a torto e a direito, mas de criá-los com base num modelo específico, cuja sofisticação linguística impele os participantes a praticar, no fundo, um exercício de estilo. Segundo, porque afasta a literatura da aura de bom-mocismo que a cerca, usualmente, nos ambientes doméstico e escolar, da qual o próprio Ludwig dá notícia ao mencionar, a certa altura, a série *The Family Shakespeare*: corrente no século XIX, ela visava tornar o dramaturgo palatável para a leitura em família, o que significava, essencialmente, depurá-lo de excessos linguísticos e temas incômodos.

Isso não quer dizer que se opte por um esvaziamento das questões temáticas, existenciais ou propriamente éticas. Elas orientam, pelo contrário, desde a definição de aspectos elementares, como os critérios de seleção, até a discussão geral sugerida pelos textos, de acordo com os personagens, situações e trechos em pauta. Nesse sentido, *Hamlet* e seus fantasmas podem ser um tanto sombrios para as crianças menores, assim como, em sentido contrário, a confrontação paterna, muito típica da adolescência, pode representar um elemento de atração, para essa faixa de público, por *Romeu e Julieta*.

Mais amplamente, Ludwig aponta que *Macbeth* enseja uma reflexão sobre o mal, tomando-se como ponto de partida o personagem-título: não obstante o seu extenso currículo de crueldades, por que não é absurdo, uma vez testemunhando o seu triste fim, que cheguemos a nos compadecer dele? Aqui, parece que estamos frente àquele tipo de pensamento próprio da literatura, cuja orientação, como lembra Antoine Compagnon no livro *Literatura para quê?* tende frequentemente para as formulações parciais, imprecisas, provisórias. Ao enriquecer o círculo de possíveis criado pelo mundo ficcional, uma tal organização favorece o debate ético, moral ou, mais amplamente, existencial, justamente por conta dessa instabilidade fundamental. Em algum nível e nos limites do público a que se destina, Ludwig parece inclinado a tomar a literatura para fazer pensar, mas nos termos em que ela permite fazê-lo de modo mais produtivo, isto é, recusando o torniquete moralizante de uma publicação como *The Family Shakespeare*, igualmente concebida com fins educativos, em favor de uma perspectiva deliberadamente mais arejada, na qual a obra está longe de ser tomada como simples repositório de mensagens edificantes.

Contudo, se o livro convence na maior parte de seus propósitos, não será capaz de fazê-lo, ao menos, em um deles: no alegado intercâmbio entre a “sala de estar” e a “sala de aula”, que acolheriam as práticas ali referidas com igual eficácia. É o que se lê na “Nota sobre o Ensino”, mas não o que se depreende, necessariamente, da leitura da obra como um todo. Na verdade, como se verifica a partir do próprio título, que menciona “filhos” (*children*) e não “alunos”, o espaço preferencial de *How to teach your children Shakespeare* parece ser mesmo a casa, e não a escola. Apontam para isso, também, algumas situações dependentes de um grau de intimidade tipicamente familiar: a troca de ditos irônicos inspirados em Shakespeare, enfim incorporados ao dia a dia doméstico, constitui apenas um desses exemplos.

A rigor, o meio-fio entre a casa e a escola é um dos desafios da abordagem de Ludwig, que não raro ameaça transformar a “sala de estar” em “sala de aula” e vice-versa. Os riscos desse processo são evidentes. Talvez por isso seja melhor tomar o livro menos como um manual, em sentido estrito, do que como um relato de experiência, no qual pais e professores podem se inspirar mais ou menos livremente, de acordo com as suas próprias inclinações e contextos específicos, para conceber estratégias de mediação de leitura, aliás não necessariamente aplicadas a Shakespeare. A experiência de Ludwig com os próprios filhos e alunos, particularmente, pode ser lida como um feliz encontro

entre a paixão, o rigor e o método – casamento que também cumpre papel estratégico para a interlocução ampla que, de um modo ou de outro, a obra acaba por alcançar.

Data de submissão: 16/05/2019

Data de aprovação: 07/06/2019